

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis  
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade de  
Coimbra - Alta e Sã  
inscrita na Lista do Património  
Mundial em 2013

COMPETE  
2020  
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO

PORTUGAL  
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

FCT  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

## Coordenador

José Reis

## Editor

Centro de Estudos Sociais  
Universidade de Coimbra

## Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

## Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

## Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

## ISBN

978-989-8847-25-6

# PAISAGEM DEPOIS DA CATÁSTROFE

Rui Bebiano

Henry Rousso sugeriu em *La dernière catastrophe* um fluxo da História pautado por épocas que integram módulos de organização política e social dotados de alguma harmonia, cada um determinado pelos efeitos de uma grande catástrofe inaugural. A palavra não é usada por Rousso no sentido mais comum, que a equipara à calamidade pública, mas em associação com o étimo que identifica a *καταστροφή*, a *katastrophe* – termo recolhido do drama grego, onde nomeava o momento em que a trama se voltava contra a personagem fulcral –, como expressão do fim súbito, da viragem, da mudança abrupta, perturbadora da ordem das coisas. Impondo ao mesmo tempo, a partir da memória nebulosa da vida que ruiu, uma cosmovisão forçosamente nova. Nesta medida, os instantes da Solução Final que impôs a Shoah, da queda do Muro de Berlim e do fim da União Soviética, ou dos atentados do 11 de Setembro de 2001, forçaram alterações profundas no modo de os seus contemporâneos habitarem o mundo, balizando o fim de um tempo e a abertura de outro.

Quando os traços partilhados da vida em sociedade são, como agora, confrontados em todo o lado, pela vivência da pandemia de COVID-19, com o carácter repentino e irrevogável da sua transfiguração, passa a ser possível admitir que vivemos uma etapa crítica, inauguradora de um tempo novo. Nele viajam as formas de existência coletiva para uma outra realidade, sob novas condições e com novas exigências, enfrentando perigos, dilemas e hipóteses de natureza também diversa. Como num cenário de ficção pós-apocalíptica, deparamos – nos mesmos lugares que até agora

habitámos, povoados pelas mesmas pessoas – com a projeção de práticas sociais e de realidades políticas de uma natureza inesperada. Por instantes, julgamos ter desembocado num sonho, onde muito do que antes fazíamos e esperávamos se confronta com práticas e esperanças de outra substância.

Percebe-se que deste transe o nosso universo irromperá diverso do que conhecemos. Certos contornos serão ineludíveis: mais reservas no contacto físico, maior atenção aos cuidados de saúde e higiene, e, após o sobressalto, uma percepção mais aguda da importância da vida partilhada à escala global, determinando mudanças que não serão de todo negativas. Uma maior capacidade de cooperação entre Estados e regiões na definição – ainda que lenta e contraditória – de políticas sanitárias e económicas comuns, também poderá trazer algo de positivo. Porém, desdobram-se os cenários sombrios: a desmaterialização das sociedades com o império do digital, o aprofundamento das distâncias entre nações e continentes, o crescimento dos preconceitos de natureza étnica ou religiosa, o reforço de regimes fundados num autoritarismo higienista, a imposição de uma pesada vigilância na circulação e no relacionamento, a hipervalorização da produtividade e dos ritmos do trabalho, a dilatação da precariedade e do desemprego. O pior será que as medidas restritivas serão justificadas por uma noção de bem comum fundada num imperativo de sobrevivência. A presente catástrofe torna, por isso, imperativa a produção de alternativas e de resistências que afastem as sombras.